

4

Diários

***Bolor*: ficção de um diário?**

É ou não possível defender, com propriedade, que *Bolor* seja um “diário ficcional”? Devemos tratar o formato do romance como séria pretensão a um simulacro de “diário”?

Não são perguntas retóricas, nem uma tentativa de definir um “gênero”, como se isto nos revelasse algo que não soubéssemos. O que desejo é propor uma resposta diferente à pergunta com que Vilma Arêas começa seu prefácio à edição nacional, da Lacerda, em que se lê:

Livro inteligente, *Bolor* exhibe à tona do enredo uma armadilha: quem escreve o diário? Pois de um diário se trata, embora não se pautasse exatamente pelas convenções do gênero⁵⁷

Parece-me que perguntar “quem escreve o diário?” já contém uma aceitação, reiterada em seguida, que “de um diário se trata”. E aceitar que seja um diário cria complicações, como a pergunta também presente nesta citação: “quem escreve?”. Causa-me estranheza: *quem escreve o diário* ou *quem escreve o livro em formato de diário*? A resposta, de toda forma, me parece simples: vários personagens se sucedem como supostos ‘autores’ do diário. Não sendo possível sequer postular um diário ficcional no plano da narrativa, o interesse daquele que ordena, digamos, o plano da meta-narrativa, aquele que constrói ‘o livro’ usa os personagens como máscaras; ele é o Hipócrita. Posso usar outra solução lógica e dizer que não importa qual personagem escreve o diário porque não há um diário sendo escrito.

Formalizo portanto a noção de que haja um meta-narrador que constrói a narrativa, presente ao mesmo tempo sob a máscara de vários personagens (Humberto, Maria dos Remédios, Aleixo) que, sucessivamente, se dizem autores de um texto que é tido, ao menos

⁵⁷ ARÊAS, V. Ficções de uma vida danificada, prefácio a *Bolor*. p.5.

ficcionalmente, como um mesmo diário. É este meta-narrador ou narrador-autor, o Hipócrita, que conhece o plano do texto, que origina não um *diário ficcional*, mas sim a *ficção de que haja um diário*. Estamos frente a um romance *construído como desconstrução do formato de um diário*, questionando o tempo todo, através de artifícios narrativos, a autenticidade ou mesmo a possibilidade de existência desse diário.

Para proceder com tais suposições, é necessária uma definição para o conceito de “diário ficcional”. Como hipótese de trabalho, assumo que seja uma forma de narrativa ficcional que pretenda ser *um simulacro do formato canônico de “diário”*. Devo considerar, portanto, características da escrita e da temática que encontraria em um diário.

Diários

Parece-me razoável entender que um diário possui algumas características fixas, no modelo canônico, tais como *ser ordenado por dias* e *ter um único narrador*, ao mesmo tempo dono do diário e origem daquela escrita. Deve ao menos possuir um narrador principal, que pode ser substituído por outro caso seu narrador original se encontre impossibilitado de continuar a narrativa – preso, perdido ou morto, como acontece em diários de viagem. Ainda assim, o 'narrador substituto' irá identificar-se e saberemos o que houve com o narrador original. O narrador de um diário é sujeito das experiências, vivências, memórias e pensamentos relatados no diário; é aquele a quem é próprio se dizer “eu”.

Outra característica comum a quase todos os diários em que posso pensar é que, como são destinados à narrativa dos dias, *diários* costumam falar sobre o passado. Temos o diário do capitão, diário de bordo, diário de expedições, diário de investigações, diários de viagem, diários pessoais: os temas variam, mas há duas constantes. A primeira é que o diário fala sempre *sobre aquilo que já se sucedeu* e, embora possa se perguntar como determinada situação / pesquisa / aventura amorosa irá se resolver, o foco de seu narrador é comunicar uma experiência pela qual passou, registrar suas memórias, analisar o que viu, vivenciou, descobriu.

A segunda, que pode ser inferida do que acabo de dizer, é que o propósito do diário é registrar, *tão fielmente quanto possível* (ou quanto seu narrador acredita ser possível), aquilo que ‘de fato’ ocorreu.

Contraste-se isso à eterna inquietação do narrador mais freqüente de *Bolor*, Humberto, que não pára de se preocupar com o futuro, com a relação entre presente e futuro, com as formas pelas quais a escrita pode ou não fixar, determinar ou alterar um futuro – ou um passado.

Observe-se ainda a estruturação ambígua que existe em diversos planos narrativos, conforme já foi mencionado nesta dissertação: datas, vozes da narrativa, cor da tinta com que se escreve, quem ‘possui’ fisicamente o diário.

Retomando: é preciso um suporte material no qual se escreva (caderno, bloco, folhas soltas). Se postularmos que haja um “diário íntimo” – Humberto diz que escreve um “diário íntimo”, portanto cabe aqui a pergunta –, será usualmente escrito por uma única pessoa e guardado em local pouco acessível, pois trata, como diz o nome, de assuntos íntimos. Esperamos encontrar uma escrita memorialista, em tom de confidência (“querido diário” sendo o chavão do gênero, no que tange os diários íntimos). Pelo que foi dito acima, infere-se a existência de um só narrador, ou de um narrador privilegiado, e uma narrativa em primeira pessoa – “diálogos” serão raros porque, se alguém conta uma história, em geral a contará de seu ponto de vista, não tentando dar voz a ‘outros’ de cujas palavras exatas dificilmente se lembrará.

Tendo como premissa (derivada da leitura do texto) que Abelaira criou em seu diário ficcional vários deslocamentos, podemos contrapor o romance ao que seria esperado por leitores de um diário ‘factual’ para então propor uma interpretação. Tomar a obra como romance experimental não invalida a hipótese de que assuma um formato de diário, mas impõe limites a determinadas leituras. Noto aqui que, embora haja uma espécie de “senso comum” pressupondo que *Bolor* seja um romance, na bibliografia pesquisada o assunto é pouco discutido, como se fosse um

‘dado’. Mesmo quando alguns ensaios afirmam que vão analisar *Bolor* como romance, várias vezes resvalam numa interpretação que acaba dizendo respeito apenas à narrativa do suposto diário – o plano ficcional mais imediato do triângulo amoroso – ou se deixando prender a perguntas quanto à “real identidade” do narrador *do diário*. É relevante, então, tentar fornecer subsídios teóricos e um recenseamento textual para que possamos compreender melhor a relação diário/romance.

O que foi dito parece confirmar que, mesmo no plano mais imediato da narrativa de *Bolor*, não se pode falar em um diário. Também me parece evidente que se perguntar sobre “quem escreve” é, de partida, formular uma pergunta deslocada.

Interessa-me agora mapear os pontos de ruptura que Abelaira introduz nas convenções do jogo que constitui um diário. Isso nos permite consolidar a hipótese de que não se trata de um diário e, mais que isso, a idéia de que talvez o autor jamais tenha pretendido que se tratasse de um.

Mapa de um diário impossível: *Bolor*

Tendo estabelecido outras questões de interesse e um campo para esta análise, retorno ao livro, que abro na página 115. Aquela sobre a qual havíamos lido previamente, na página 106 da edição da Lacerda⁵⁸, que não era a página 115. Quem assume o papel do narrador? Alguém que afirma explicitamente não ser nem o romancista nem o autor do diário – “(ou autores)”, frisa a voz inqualificável, ela mesma em dúvida. Resta-nos então dizer que o texto escreve sobre si mesmo?

Se há confusão aqui, não é minha escrita que a provoca: ela apenas pretende ecoar os jogos que nos propõe o livro. E falha, sucessivamente, tornando minha hipótese inicial (a de que é impossível estabelecer uma

⁵⁸ Ou talvez de todas as outras edições, talvez em páginas cujo número varie de acordo com a diagramação do livro, conquanto *necessariamente nunca sejam* a página 115.

interpretação única e coesa para *Bolor*) mais forte a cada inconsistência que encontra. Prossigo.

A página 106, “Sem data”, pode ser ela mesma objeto de cálculo e quantificação, como tantas vezes faz o narrador. A conta é simples:

As duas páginas anteriores, e também esta, não foram escritas depois da cento e catorze, como seria lógico, mas em dez de Dezembro. E quando amanhã (onze de Dezembro) *começar* este diário ... ⁵⁹

Se devemos acreditar no texto, estamos frente à página 106&115, escrita a 10 de dezembro, porém “sem data”, antes que o diário fosse iniciado, apesar de muito já ter sido dito. O que nos permite calcular a data daquilo que supostamente não tem data? Esta página deveria ser lida como a 115? Acreditamos na nota de autoria etérea que se encontra ao final da mesma? Tudo é falso e a página não tem, portanto, referente possível?

Não fora isso o bastante para confundir o leitor, o autor termina esta mesma página 106 (que é a 115 mas não é) com o seguinte texto (que não é nota) em que lemos:

Essa página⁶⁰ já não será pertença do futuro [...], estará escrita há vinte e quatro horas, será o passado – foi a primeira deste diário a ser escrita, e esta é a terceira.⁶¹

Grifos meus, para ressaltar outra das muitas incoerências (*sucessivas coerências de uma impossibilidade?*) presentes – “estruturantes”, eu diria – nas páginas de *Bolor*. Quem terá escrito a página, quem escreveu que terá escrito a página?

⁵⁹ ABELAIRA, A. *Bolor*, p. 106.

⁶⁰ Mesmo uma dêixis simples é quase impossível aqui: “essa” pode se referir tanto à página 115 que ainda seria escrita, no presente da narrativa ficcional, mas “essa” se refere obrigatoriamente à própria página que está sendo lida, por meio da remissão ambígua feita na “nota do Editor” – o Editor é agora o Autor? – que encerra a página. Esta dêixis inviável não possui solução lógica e seu sentido mais provável se encontra na ambigüidade que trás dentro de si.

⁶¹ Com as devidas restrições apresentadas na nota anterior: ABELAIRA, A. *Bolor*, p. 106.

Não me deixo prender aqui. Ainda não.

“Mentirei escandalosamente”, nos promete o narrador-autor nesta página que me parece ser um ponto de articulação importante do romance. Creio ser esta a promessa que *Bolor* cumpre em relação à sua própria escrita: *mentir escandalosamente*, ser hipócrita (nos dois sentidos) a tal ponto que aquele que tenta interrogar sua estrutura, as regras de seu jogo, eventualmente se vê obrigado a recomeçar vez após outra: uma, duas, oito vezes. E a análise nunca termina: o texto de *Bolor* traz sempre uma nova surpresa, enquanto meu próprio texto continua deixando de fora elementos importantes.

Em algumas entradas do diário não temos datas; em outras, temos datas inconsistentes. Há páginas que nos remetem à própria impossibilidade de nos referirmos a elas; há outras páginas que nos remetem ao abismo entre o que possa ser uma referência ficcional e aquilo que seria uma referência ao mundo real. Há três “vozes” – na falta de nome melhor – dizendo “*eu* escrevo este diário” (qual diário, fisicamente, dentro do texto? há um só? são vários? faz sentido fazer tais perguntas?) e vozes que não dizem a quem pertencem – narradores, cuja identidade já não somos capazes de inferir a partir do texto. Temos uma *escrita* que, de forma bem explícita ao final do livro, acaba por se dizer “eu”: quando o *hipócrita* tira todas as máscaras, não vemos a face do ator, mas sim um borrão ou um vazio. Ou o próprio Autor, de fora do texto, comandando seu jogo.

Finalmente, talvez para agravar o perjúrio, talvez para deixar patente sua intenção de “mentir descaradamente” (de ser hipócrita no sentido trivial do termo), de subverter e quebrar várias regras, temos *um livro que sequer se digna a terminar* – o Autor conclui em aberto. Casualmente, temos um travessão, depois a letra “T”. Observando esta letra, me pergunto: *é insubstituível*? Poderia ser qualquer outra ou precisa ser justamente *esta* para determinar uma identidade – questão que tantas vezes se colocam os personagens? Ou seria antes a questão que tantas

vezes nos dirige o Autor por intermédio do que parecem ser personagens?⁶²

(Quem nos fala? Em quantos diários nos falam – ou não falam em diário algum e há apenas um romance?)

Insubstituível ou meramente arbitrário (ou resultante de um Imaginário que sempre nos escapará, o de Abelaira, produtor conceitual & material do texto), me permito dar aos que se perguntam sobre 'o sentido' deste T uma resposta bem definida. Quer estejamos fazendo uma análise de fundo estruturalista ou não, sabemos todos que não nos cabe perguntar sobre o sentido de um único elemento: as coisas só possuem sentido quando observadas dentro das relações que estabelecem umas com as outras. E, se as relações que estabeleço aqui têm qualquer propriedade, fica claro que o T é um operador de indeterminação, não deixando escapar mais esta possibilidade neste jogo de regras tão abertas e notando que uma “indeterminação” não deixará de ser, também, uma impossibilidade de terminar.

O T nos serve como marca de que o diário não possui conclusão, como marca ainda mais forte de que a ficção nunca termina com um ponto final. Um T incômodo que nos diz que este livro – qualquer livro? – não pode terminar, pois *seu sentido só se constrói de fato quando sua leitura é atualizada*, processo que será constantemente renovado enquanto houver leitores.

Aliás, é o narrador-autor quem o diz:

As palavras não são verdadeiras nem falsas. – (São como as árvores, escrevo agora, como as pedras, como todas as outras coisas.) [...] Não sei se lhe disse, se pensei, se é este caderno que me convida a escrever: as palavras são para as dizermos e por isso é que existem, a

⁶² Entre outros locais, a frase recorrente no romance de Abelaira, “És insubstituível?” – bem como a questão mais profunda a que ela remete – podem ser encontradas, de forma sucinta, à p. 110 de *Bolor*, e ainda, como uma pequena “poesia concreta”, à p. 159, embora haja muitas outras remissões ao longo do livro.

verdade e a falsidade não têm nada a ver com elas, fazem parte doutro mundo.⁶³

Quem escreve? Quem pretende ter uma voz capaz de estruturar a narrativa ficcional?

E esta era a página 152 à qual cheguei, não por acaso, mas por conta das muitas marcas indicadoras que deixei para mim mesmo ao longo das páginas do livro, talvez para reencontrá-las ao revisar meu texto, talvez num momento de frustração ao notar que, a rigor, cada uma das páginas deveria possuir ao menos uma marca, já que todas são simultaneamente parte da narrativa e parte da desconstrução da narrativa.

O que pretendo, aqui, ao dizer “desconstrução da narrativa”? Também me lanço em um jogo de espelhos? Não é certo que as palavras permanecem em ordem e que algo será construído durante a leitura deste livro? Suponho que sim. Entretanto é a própria narrativa que se ocupa em tornar impossível qualquer linearidade, qualquer suposição de símile – qualquer verossimilhança com o que possa ser um diário. A sucessão de narradores; o dia 14 de fevereiro colocado entre 16 de abril e 20 de abril; a penúltima entrada “Sem data” que diz:

... [escrevo que aguardo as palavras restantes a fim de as congelar neste diário (e escrevo que escrevo que aguardo as palavras restantes a fim de as congelar neste diário – –)].⁶⁴

Quem escreve?

E neste formato convulsionado de colchetes e parênteses temos um “eu” que continua escrevendo para além de si mesmo, para além de qualquer ficcionalidade: o texto-Autor (o Autor do texto?) agora nos faz notar que estamos o tempo todo de pé, em frente a outro abismo: o do Real ou, mais precisamente, o da impossibilidade de representar adequadamente o Real. O que está dito acima (entre outras possibilidades) é que, ao

⁶³ ABELAIRA, A. *Bolor*, p. 152.

⁶⁴ ABELAIRA, A. *Bolor*, p. 168.

mesmo tempo em que o *hipócrito* (o ator, dessa vez) tenta seu truque de nos fazer acreditar que ele “fala sobre o Real”, que fixa esse Real nas relações sintático-semânticas que as palavras mantêm entre si ao mesmo tempo a linguagem é usada, aqui, para nos *revelar* seu truque, para dizer que, por mais que possamos pedir para alguém “gesticular devagarinho”, a fim de anotar todos os gestos, teríamos também que dar conta do gesto dessa anotação, e depois narrar que aquele que narra está narrando ...

Uma representação pode fazer de conta que fala do mundo, mas mantém sempre uma seta voltada para si mesma, indicando que ela, representação, trata sobretudo dela mesma e que a relação que mantém com o real é sempre problemática e questionável⁶⁵.

Caminhar linearmente em meio à estrutura de *Bolor* parece mesmo ser impossível. É preciso investigar o final antes de poder retornar à página 115 sobre a qual desejava originalmente falar, no início deste Mapa. Sou persistente, contudo, e retorno à página 115 que me dá uma segunda chave: “divirto-me”.

Divirto-me: neste momento sou o Humberto que sonha ser o Aleixo ou o Aleixo que sonha ser o Humberto? Ou o Humberto que sonha ser a Maria dos Remédios que por sua vez sonha ser o Aleixo que por sua vez sonha ser o Humberto que por sua vez sonha ...

A citação prossegue “em abismo” por mais quatro linhas.

Quem escreve que se diverte? Quem pode postular que seja Humberto, Aleixo ou Maria dos Remédios, com muitas combinatórias sobre uns serem, talvez, o sonho de outros. A página vem com data de 1º

⁶⁵ Não se trata de dizer que a representação seja impossível. Antes, a questão é levar às últimas conseqüências uma das possibilidades abertas pela filosofia da linguagem, particularmente pelos já mencionados “atos de fala”, ao dizer que todo proferimento – todo enunciado de fato colocado no mundo, seja “fala” ou “escrita” – faz parte, ele também, do real, então teremos dito, de maneira sucinta aqui (mas remetendo a um importante ensaio de Bernard Harrison, “Imagined worlds and the real one”), que a linguagem é sempre uma investigação do real, uma forma de repensar o real e, neste sentido, eu seria ousado ao dizer que, de diferentes maneiras, toda representação – toda obra de arte – é “realista” por sua própria essência.

de abril: devemos ler aí uma relação proposital com o “dia da mentira e do humorismo”, como é conhecido em Portugal?

Divirto-me, como leitor. Mas aqui diverte-se sobretudo o texto, que parece ter voz própria; diverte-se aquele que, talvez nos demonstrando a porosidade do ficcional em meio ao real – de outra forma, eu diria, nos sinalizando a impossibilidade de uma separação estanque entre os dois –, aparece nas entrelinhas do texto, mestre das marionetes; diverte-se o Autor, aquele que não desejo nomear mas cujas mãos traçando letras (digitando-as à máquina de escrever, que seja) transparecem sob a ficção de *Bolor* e nos dizem coisas – seja por meio da estrutura convulsionada do texto, seja pelo texto em si. Na maior parte dos casos, como na citação acima, as duas coisas se juntam – forma e função unidas com um só objetivo.

E o sujeito dessa diversão em algum momento parece ser o próprio texto, como se tivesse voz própria e estivesse se divertindo ao nos guiar inicialmente por um texto que “soa” como um diário (ficcional, mas diário ainda assim), mas que logo se revela uma sala de espelhos.

Diverte-se talvez o Autor, que na página 115 – especial, entre tantas outras, pelo número de vezes que é citada ao longo de *Bolor* e pelo fato de não poder ser, como foi dito acima, a página 115 de ...

Outra tentativa de interpretação desliza aqui: como é que o Editor se arrogaria direitos de dizer que a página 106 é para ser lida como 115, não fora ele o próprio Autor? Esse Editor só pode ser outro disfarce do *hipócrita* que se esconde nas numerosas artimanhas desse texto. Ao analisar o texto, como lidar com páginas do livro que não coincidem, nem poderiam coincidir? O livro não pode ser o simulacro do diário; devemos postular que a narrativa seja capaz de “olhar para fora” de si mesma e saber em “que página está”, ou ainda apontar para si mesma e novamente nos confundir mudando suas datas e alterando a *persona* de seu autor no plano ficcional?

Como na ficção de Borges, escrever sobre Abelaira é criar um mapa que precisa ser mais amplo que o original⁶⁶.

Sim, talvez. Mas nunca saberemos de fato quem _____

⁶⁶ Borges, J. Luis. História Universal da Infância, in “Obras Completas”, Buenos Aires: Emecê Ed., 1974.